

# Do mercado de livros ao acampamento militar: um estudo da difusão da Eneida no Império a partir dos *exercitationes scribendi*

*From the Book Market to the Military Camp: a study about the dissemination of the 'Aeneid' in the Roman Empire from the point of view of the 'exercitationes scribendi'*

Thiago Eustáquio Araújo Mota\*

**Resumo:** Segundo a tradição biográfica tardo-antiga, Virgílio expressou antes de morrer o desejo de incinerar os livros da *Eneida*, uma vez que o trabalho da composição estava incompleto. Até a invenção do códice, o principal meio de divulgação da *Eneida* era muito provavelmente o *volumen* constituído por folhas de papiro. Tendo em vista as limitações deste tipo de suporte, é provável que os livros do poema circulassem separadamente. A julgar pelo *corpus* papirológico (31 papiros identificados até o atual estágio da pesquisa), pela epigrafia e pelas menções esporádicas dos autores latinos, o épico virgiliano alcançou uma rápida difusão nos quadros do Império logo nos dois primeiros séculos de sua publicação (séc. I a.C.). Como parte da tipologia da fonte pertinente à proposta de abordagem histórica do épico, debruçamo-nos neste artigo sobre um recorte da arqueologia do texto anterior aos *codices antiquiores* (séculos IV-V). Nossa abordagem considera a problemática do suporte do *volumen* e a difusão dos poemas virgilianos, tendo em vista sua fruição poética e seu uso escolar a partir de um grupo de papiros categorizados como *exercitationes scribendi*.

**Abstract:** According to the late ancient biographical tradition, Virgil expressed, before his death, the desire to incinerate the books of the Aeneid, since the work of composition was incomplete. Until the invention of the *codex*, the medium of dissemination of the Aeneid was, most likely, the *volumen* consisting of papyrus leaves. Considering the limitations of this medium, it is likely that the poem's books circulated separately. Judging by the papyrological corpus (31 papyri identified until the present stage of the research), epigraphy and sporadic mentions by Latin authors, the epic reached a rapid spread within the limits of the Empire as early as the first two centuries of its publication (1<sup>st</sup> century BC). As part of the typology of the source and historical approach of the epic we are concerned in this article about a specific moment previous to the *codices antiquiores* (4<sup>th</sup>-5<sup>th</sup> Century). Our approach concerns the problem of *volumen* support, as well as the diffusion of the Virgilian poems, in view of their poetic fruition and their school use from a group of papyri categorized as *Exercitationes scribendi*.

## Palavras-chave:

*Eneida*;  
Épico romano;  
Papiros;  
Paleografia latina;  
Educação romana;  
Arqueologia do texto.

## Keywords:

*Aeneid*;  
Roman epic;  
Papyri;  
Latin paleography;  
Roman education;  
Archeology of text.

---

Recebido em: 10/09/2017  
Aprovado em: 25/10/2017

---

\* Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Pernambuco (UPE) e coordenador do Grupo de Estudos sobre épico e performatividade na Antiguidade (GEEPA).

Por ironia dos acontecimentos vindouros, a obra que Virgílio cogitou atirar ao fogo tornou-se, em um curto intervalo de tempo, conhecida nos rincões mais longínquos do Império. Até a invenção do códice, o principal meio de divulgação da *Eneida* era, muito provavelmente, o *volumen* constituído por folhas de papiro. Tendo em vista as limitações deste tipo de suporte, é provável que os livros do poema circulassem separadamente. Mais do que um procedimento adaptado da tradição alexandrina, a divisão de um épico em livros justificava-se, inclusive, por razões práticas. Basta-nos ter em conta que um papiro literário de comprimento padrão, como o exemplar da *Ilíada* que integra a coleção do *British Museum*, contém porções apenas dos dois últimos cantos do poema, sendo sua extensão original estimada em 6,9 metros (*British Museum*, Pap. 128). Segundo as estimativas de Frederic G. Kenyon (1951, p. 50), conceituado paleógrafo inglês, o papiro da *Odisseia* (da mesma coleção), que contém apenas trinta e quatro versos do Canto III, ocuparia uma extensão de aproximadamente 2,10 metros, caso fosse achado por inteiro, e 6 metros se viesse com a Telemaquia completa (*British Museum*, Pap. 271). Do ponto de vista das práticas usuais de leitura no mundo romano, um *volumen* que conseguisse integrar os doze livros da *Eneida* seria, no mínimo, desajeitado.

O hábito de leitura é um dos motivos escultóricos mais apreciados na composição de sarcófagos e por meio deles podemos ter uma vaga noção de como os romanos liam. O morto ou um tipo genérico aparece quase sempre sentado, deleitando-se com a apreciação de um *volumen*.<sup>1</sup> Este indivíduo pode aparecer rodeado de pessoas, o que lembra um recital privado, ou solitário, retratado junto a um armário de livros. Várias tampas de sarcófagos assumem a forma e o tamanho natural do morto reclinado sobre um leito. Estas são conhecidas como tampas a *kline* dentro da tipologia de urnas e relevos funerários (SCHOLLMEYER, 2007, p. 109). Entre os atributos representados com o sujeito, é comum o escultor destacar a tabuleta para anotações – *tabula cerata* – e o rolo de papiro. O procedimento de leitura parece simples, porém desajeitado: desenrolava-se o volume com a mão esquerda e enrolava-se novamente com a mão direita. Ao fim do processo, era de bom tom “rebobinar o livro”.

Por publicação, na Antiguidade, referimo-nos ao processo pelo qual uma obra era dada a escribas – geralmente associados a um editor específico – para ser reproduzida e veiculada no mercado. Tönnner Kleberg (1995, p. 68), em seu estudo sobre a dinâmica de edição e circulação dos livros na Antiguidade romana, explica que antes de uma obra

---

<sup>1</sup> Boa parte destes sarcófagos era fabricada a partir de modelos temáticos (com guirlandas, temas mitológicos, cenas de batalha, motivos dionisíacos, temas oceânicos e relevos com musas) e tipos genéricos (criança, mulher adulta), viabilizando sua comercialização. Pouquíssimas famílias dispunham de recursos para encomendar um sarcófago sob medida, contendo um retrato fidedigno do morto.

alcançar um público maior e cópias serem realizadas e distribuídas às expensas e orientação de um editor ou patrono, era comum que a publicação fosse precedida por um recital privado ou reproduções circulassem em nível interno. Este recital cumpria o papel de uma pré-publicação ou divulgação do trabalho, sendo uma maneira de o *auctor* e seu *patronus* adquirirem um *feedback* da audiência. O autor/poeta com o trabalho nessa fase – *anedocton* – tinha ainda condições de modificá-lo ou até mesmo retirá-lo de circulação, se necessário.

Sobre Lúcio Vário Rufo (70-15 a.C.), o célebre editor da *Eneida*, nosso espectro de informações não impressiona muito. Sabemos que escreveu um poema intitulado *De Morte* e que uma de suas tragédias, *Thyeste*, foi encenada no ano de 29 a.C., durante os jogos celebrados em comemoração ao Tríplice Triunfo de Otávio. Aparece na documentação como amigo íntimo de Virgílio, e descrito, na *Sátira I* de Horácio, como um notável compositor de épicos (Horácio, *Sermones*, I, 10, 43). Para Vário e Tuca, o mantuano teria deixado o restante de seu patrimônio depois de ter sido distribuído, sob disposições testamentárias, entre seu meio irmão Valério Procul, Mecenas e o próprio Augusto (Suetônio, *De Poetis*, 41). A julgar pelo testemunho de Horácio, no poema *Carmen Saeculare* (37-48), recitado em junho de 17 a.C., o trabalho de organizar o épico virgiliano para publicação foi concretizado em pouco mais de um ano.

O conteúdo do *volumen*, fosse ele em poesia ou prosa, era disposto em colunas chamadas *aelides*, em grego. Sua largura variava em razão do tipo de escrita e natureza do conteúdo: um texto em prosa entraria facilmente em uma formatação quadriculada, enquanto um poema em hexâmetro dáctilo possuiria, naturalmente, linhas desiguais (entre treze e dezessete sílabas poéticas, de acordo com o número de pés dáctilos e espondêus). A evidência mais próxima para conjeturarmos o que seria um *volumen* especializado da *Eneida* foi resgatada das cinzas do Vesúvio no século XVIII. Um papiro de Herculano, terrivelmente mutilado e apenas parcialmente legível, contém trechos de um poema que narra o desfecho trágico de Antônio e Cleópatra, denominado *Carmen de Bello Actiaco* ou *Carmen de Bello Aegyptiaco*. Os fragmentos deste poema foram descobertos em meio a uma coleção de mais de 1800 rolos de papiro na biblioteca de uma suntuosa vila nos arredores de Herculano. Segundo a arqueóloga Joanne Berry (2007, p. 42), autora do livro *The Complete Pompeii*, a Vila dos Papiros, assim como o teatro de Herculano, foi encontrada ao acaso, no momento em que um fazendeiro escavava um poço e se deparou com uma enorme porção de fragmentos coloridos de mármore. Segundo a mesma autora, o edifício seria notável somente pela sua dimensão colossal, localização privilegiada (de frente para o mar) e pelas várias estátuas de bronze encontradas em seus jardins, não fosse a descoberta que a imortalizou nos anais da Arqueologia: um cômodo contendo milhares de papiros carbonizados.

Na Vila dos Papiros foram encontrados alguns poucos fragmentos de textos latinos, entre estes o já referido poema *Carmen de Bello Actiaco*, o que leva alguns otimistas a imaginarem que somente a seção grega da biblioteca foi escavada e que o setor de obras latinas ainda está por descobrir (BERRY, 2007, p. 43). Atualmente, o sítio virtual da *Herculaneum Society* disponibiliza um banco de dados com imagens digitalizadas das várias edições *The Oxford Facsimiles of the Herculaneum Papyri*, constituídas de apógrafos ou ilustrações dos papiros reunidos na *Boldeian Library*.<sup>2</sup> A edição do *Carmen de Bello Actiaco*, identificada pelo número de referência PHerc 817, foi organizada por C. Garuti. Deste poema, do qual não sabemos sequer a verdadeira extensão, restam apenas cinquenta e sete versos distribuídos em oito colunas. É, no entanto, um dos manuscritos mais antigos que se conhecem de um épico latino. Desconhece-se a autoria do poema, por vezes atribuída a Caio Rabírio, cujo talento poético é reconhecido por Veléio Patérculo e Quintiliano (Veléio Patérculo, *Historiae*, II, 36, 3; Quintiliano, *Institutio oratoria*, X, 1, 10; BENARIO, 1983, p. 1657). Dos temas de sua poesia, dedicou-se a narrar o confronto entre Antônio e Otávio, em razão disto é cogitado como um possível autor para o papiro de Herculano. O caráter extremamente lacunar do documento limita bastante a interpretação do conteúdo.

A modalidade de escrita empregada no papiro sugere que este fosse o trabalho de um escriba especializado. O *Carmen de Bello Actiaco* é também um dos primeiros registros em manuscrito da denominada *capitalis rustica* (ou *canonica*), termo cunhado para diferenciá-la da *capitalis quadrata*, que é característica dos monumentos de pedra, como arcos comemorativos, arquitraves de templos, pedestais de estátuas, entre outros. A *capitalis rustica* surge como uma escrita de execução rápida, mas não menos exigente, adequada para instrumentos leves como o cálamo ou a pena. Segundo Bernhard Bischoff (1990, p. 51), no livro *Latin Paleography, Antiquity and Middle Ages*, a *capitalis canonica* pertence ao grupo do que ele denomina "escrita construída", cuja execução depende de uma sequência precisa de golpes, não a esmo, mas técnica e organicamente determinados. As letras são construídas com a mão firme, apoiada no dedo mínimo. A pena não deve ferir a superfície da página ou ser chacoalhada no processo. Este tipo de escrita possui também sua variante epigráfica, denominada *scripta actuaria* típica dos anúncios eleitorais – *programmata* – encontrados em Pompeia (por exemplo, na *Via dell'Abbondanza*).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> The Friends of Herculaneum Society, disponível em: <<http://www.herculaneum.ox.ac.uk/?q=papyri>>. Banco de dados com imagens, disponível em: <<http://163.1.169.40/cgi-bin/library?site=localhost&a=p&p=about&c=PHerc&ct=0&l=en&w=utf-8>>.

<sup>3</sup> O qualitativo *actuaria*, "ágil", tem o propósito de diferenciar esta escrita da epigrafia permanente, cinzelada em pedra. Cabe lembrar que os *programmata*, anúncios eleitorais pintados sobre as fachadas das casas nas principais artérias de Pompeia, atendiam às demandas de publicidade dos candidatos às magistraturas municipais. A maioria eram anúncios de apoio de comerciantes e potentados locais aos seus candidatos favoritos. Desenhados em locais de intensa circulação, esses letreiros almejavam uma campanha eleitoral específica, depois eram apagados (por profissionais conhecidos como *dealbatores*) e substituídos por novos.

No final do século I d.C., a *capitalis rustica* se converte na escrita padrão (daí o adjetivo canônica) dos livros confeccionados no Império Romano e encontrada também nos *codices* tardo-antigos. Rompendo com a estrutura dos ângulos retos, as letras se inclinam levemente para a direita e se aguçam no processo de escrita, como é possível perceber na apografia do PapHerc 817.<sup>4</sup>

Em comparação com outros papiros em hexâmetro latino, a coluna do *Carmen de Bello Actiaco* é ligeiramente maior: com uma média de dezenove centímetros e meio de largura.<sup>5</sup> Segundo George Houston (2014, p. 5), no livro *Inside Roman libraries. Book collections and their management in Antiquity*, a altura das folhas de papiros da biblioteca da Vila de Herculano oscila entre 19 e 24 centímetros de altura. William Johnson (2009, p. 259), no texto “The Ancient Book”, escrito para o *Oxford Handbook Companion to Papyrology*, declara que os textos ptolomaicos em versos tendem a trazer um espaço reduzido, quase indistinto entre as colunas, enquanto os livros romanos buscam demarcar bem este espaço com uma margem de dois centímetros, aproximadamente. Considerando que uma coluna em verso comporta por volta de vinte hexâmetros, teríamos os seguintes valores para os livros da *Eneida*, caso estes seguissem uma formatação similar à do PapHerc 817.

Cumprido reconhecer que as estimativas acima seguem por parâmetro um *volumen* encontrado na biblioteca de uma vila aristocrática. O mais provável é que livros de tamanhos e formatações variados fossem encontrados no mercado, e alguns volumes da *Eneida* pudessem ser adquiridos ou confeccionados a um custo menor. Todavia, mesmo considerando os valores fornecidos por Johnson para um livro *standard* em hexâmetros latinos (coluna: 14 cm e espaço entre colunas de 1,5 cm), este quadro não tende a reduzir tanto as estimativas apresentadas acima (JOHNSON, 2009, p. 259). É razoável supor que a *Eneida*, por completo, fosse encontrada apenas em bibliotecas públicas (geralmente, mantidas pela munificência imperial ou de algum patrono) ou coleções de indivíduos abastados. Sabemos, por meio de Suetônio, que, pelo menos até o governo de Calígula,<sup>6</sup> bustos – *imagines* – de Virgílio e Tito Lívio adornavam as bibliotecas de

<sup>4</sup> Por apografia, compreende-se um tipo de reprodução desenhada criteriosa. Alguns *facsimiles* dos papiros de Herculano são apografias, uma vez que o original se desintegrou em razão do manuseio descuidado dos rolos canonizados. Optamos por trazer a apografia do PapHerc 817, uma vez que não encontramos uma fotografia de boa qualidade do papiro. Apografia da Coluna V ou E do *Carmen de Bello Actiaco*. Disponível em: <<http://www.herculaneum.ox.ac.uk/?q=papyri>>. Image Database disponível em: <<http://163.1.169.40/cgi-bin/library?site=localhost&a=p&p=about&c=PHerc&ct=0&l=en&w=utf-8>>.

<sup>5</sup> Este dado é fornecido pelo classicista norte americano George Houston, com base na referência de A. Lowe, *Codices Latini Antiquiores III* (LOWE, 1938, p. 385, *apud* HOUSTON, 2014, p. 109).

<sup>6</sup> O biógrafo informa em uma passagem da *Vida de Calígula* que ele mesmo mandou remover todos os bustos (*imagines*) e escritos (*scripta*) de Virgílio e Lívio das bibliotecas, por considerar o primeiro um homem sem talento e o segundo um historiador prolixo e desleixado (Suet., *Cal.*, 34. 02). Antes disso, acrescenta que o imperador chegou a cogitar a abolição dos poemas homéricos, questionando-se porque não poderia ter o mesmo privilégio de Platão que o excluiu – e a todos os poetas em geral – de sua comunidade ideal (Suet., *Cal.*, 34. 02). Esta passagem da *Vida de Calígula* é,

Roma que continham também seus escritos (Suetônio, *Caligula*, 34, 02). Em razão das próprias limitações e custos do suporte, obras extensas como o épico de Virgílio, *As Metamorfoses* de Ovídio e, principalmente, a colossal *História Romana*, de Tito Lívio, eram comercializadas em *volumina* separados e, por consequência, alguns livros deveriam ter maior repercussão do que outros.

**Tabela 1** – Valores estimados para os *volumina* da Eneida com base na formatação do PapHerc 817

Livro	Número de versos	Número estimado de colunas	Tamanho estimado do rolo de papiro (em metros)
I	756	37,8	8, 12 m
II	804	40,2	8,64 m
III	718	35,9	7,70 m
IV	705	35,25	7,57 m
V	871	43,55	9,36 m
VI	901	45,05	9,68 m
VII	817	40,85	8,78 m
VIII	731	36,55	7,85 m
IX	818	40,9	8,79 m
X	908	45,4	9,76 m
XI	915	45,75	9,83 m
XII	952	47,6	10,23 m

Temos razões para crer que estas obras circulassem de forma mais dinâmica do que a simples operação de compra e venda de volumes especializados. George Houston (2014) defende a existência de vários caminhos para a formação de coleções privadas: através, por exemplo, de cópias realizadas por homens livres ou por escravos a partir de exemplares emprestados de amigos ou bibliotecas. Indivíduos que não estivessem dispostos a produzir sua cópia de maneira artesanal poderiam, ainda, recorrer ao comércio de volumes usados ou encomendá-los a um revendedor, que negociava exemplares de toda sorte. Desde livros recentemente copiados e revendidos como muito raros até os pretensos manuscritos autorais de Virgílio ou Cícero negociados no mercado a peso de ouro. Plínio, o Antigo, e Aulo Gélio atestam a popularidade desses denominados

---

por vezes, usada para justificar a ausência de retratos positivamente identificados como bustos de Virgílio. Se, de fato, o imperador levou adiante uma *damnatio* das imagens do poeta e se esta foi definitivamente bem-sucedida, como explicar as menções de Sêneca, nas *Epístolas Morais*, aos artistas reproduzindo Virgílio em cores (Sêneca, *Epistulae*, 58, 20)? Uma passagem igualmente interessante da *História Augusta*, por ser quase uma inversão do excerto suetoniano, depõe sobre a devoção do imperador Severo Alexandre, que costumava manter as imagens de Virgílio, Platão e dos heróis homéricos em uma espécie de segundo larário (*Historiae Augustae, Alexander Severus*, 31, 04).



manuscritos autógrafos do mantuano. O primeiro assegura ter visto, na casa do poeta e mais distinto cidadão, Pomponio Secundo, documentos dos irmãos Tibério e Caio Graco, redigidos de próprio punho, assim como manuscritos de Cícero, do imperador Augusto e de Virgílio (Plínio, *Naturalis Historia*, XIII, 83). Gélio, por sua vez, recorda que Fido Optato, um gramático de considerável reputação, em Roma, o havia mostrado uma cópia de "admirável antiguidade do Segundo Livro da *Eneida*" – *librum Aeneidos secundum mirandae vetustatis* –, comprada em Sigilária por vinte áureos e que acreditavam ter pertencido ao próprio Virgílio (Aulo Gélio, *Noctes Atticae*, II, 3, 5).

Marcial, em seus *Epigramas*, depõe sobre a variedade do mercado de livros em Roma, inclusive sobre os preços discrepantes. Lançando injúrias sobre o plagiador de seus versos, afirma que um bom poeta não pode ser feito com um volume barato – *tomus uilis* – e com a ninharia despendida para copiá-lo (Marcial, *Epigrammata*, I, 66). Ou seja, entre seis e dez sertércios. Em outro epigrama, afirma que um livro bem polido com a pedra pômice e adornado com púrpura poderia ser adquirido pela quantia de cinco denários (Mart., *Ep.*, I, 172). Marcial ainda informa sobre a existência de lojas no Argileto (*Argiletana Tabernas*), que comercializavam seus livros, e sobre o fim dado aos volumes sem valor (destino que não desejava para os seus poemas): ou eram reaproveitados pelos vendedores de carne salgada ou eram utilizados (o lado do verso desses papiros) para exercícios escolares (Mart., *Ep.*, I, 3; IV, 86). É difícil imaginar um material dispendioso como o papiro tendo um fim semelhante, pelo menos, não até que se esgotassem todas as outras possibilidades de uso, como os papiros que eram raspados e reutilizados pelos alunos até a exaustão. Cabe identificar aqui o uso de uma hipérbole do poeta com o provável intuito de escarnecer sobre o ostracismo ao qual estavam sujeitos os poetas. Todavia, mesmo uma figura de linguagem que busca salientar o ridículo através do exagero precisa encontrar algum respaldo na experiência histórica, principalmente para que faça sentido para os interlocutores.

Além do *recto* (lado em que as fibras correm horizontalmente) recorria-se, por razões de economia (ou para anotações), ao verso do papiro (parte em que as fibras correm verticalmente). Um *volumen* escrito de ambos os lados é denominado pelos papirólogos um opistógrafo. De acordo com George Houston (2014, p. 7), a grande maioria dos opistógrafos são casos de reaproveitamento de volumes literários que, por alguma razão, deixaram de ter valor e, por sorte, não foram inutilizados. Por volta de cento e oitenta papiros deste tipo foram encontrados em Oxirrinco,<sup>7</sup> alguns deles, exercícios escolares,

<sup>7</sup> No final do século XIX foi descoberto, nas ruínas desta cidade egípcia, uma quantidade significativa de papiros de diversas naturezas e períodos. Os textos foram encontrados em meio às pilhas de refugos do que parece ser uma escola de escribas que remonta ao Período Helenístico.

outros, textos copiados por escribas profissionais. É plausível que uma obra copiada no verso de um papiro tivesse um valor comercial inferior ao de um exemplar que utilizasse apenas o *recto*.

Para além da divulgação literária, podemos falar de um uso escolar de Virgílio que se tornou, já na Antiguidade, uma referência do uso normativo do latim dito “clássico”, assim como da arte oratória. Na escola, aprendia-se a ler e escrever com Virgílio e Horácio. Os garotos praticavam a memorização de versos ou trechos inteiros de seus poemas para serem recitados em momentos oportunos. De acordo com Robert Kaster (2001, p. 319), no capítulo “Controlling Reason: Declamation in Rethorical Education in Rome”, escrito para o compêndio *Education in Greek and Roman Antiquity*, o cultivo da declamação poética era uma peça chave na educação romana, principalmente para aqueles adolescentes que davam continuidade aos estudos para além da instrução do *grammaticus*. Na opinião desse autor, a declamação é uma forma discursiva cujas estruturas, metas e truques são familiares a todos os gêneros literários da Antiguidade (KASTER, 2001, p. 319).

Encontramos, nas *Sátiras* de Juvenal, uma breve alusão aos volumes escolares destinados ao estudo dos poemas virgilianos. Na sétima sátira, o poeta refere-se ao aspecto encardido das efígies dos poetas Horácio e Virgílio, estampadas em alguns volumes, em razão da fuligem das lucernas e pela manipulação constante dos alunos (Juvenal, *Satura*, VI, 225-227). Já Quintiliano, no célebre tratado sobre a *Instituição Oratória*, redigido por volta de 90 d.C, insere Virgílio entre os autores de leitura obrigatória na formação do bom orador. Nos doze livros que compõem a obra, o mantuano é citado amiúde como um exemplo a ser emulado em vários aspectos: o uso imbatível que faz de ornamentos aqui empregados como sinônimo de palavras arcaizantes (Quint., *Inst.*, VIII, 03.24). O emprego refinado de alegorias, para o qual Quintiliano evoca uma passagem das *Bucólicas*, e o uso sagaz da ênfase pelo poeta são igualmente elogiados no tratado sobre a oratória (Quint., *Inst.*, VIII, 06, 46-47; Virgílio, *Eclogae*, IX, 07-10). Para Quintiliano, Virgílio é mestre na arte de extrair sentido oculto de uma frase e usa como modelo a fala de Dido, no Livro IV da *Eneida* (Quint., *Inst.*, IX, 02, 64; Virgílio, *Aeneis*, IV, 550-551).

[*non licuit thalami expertem sine crimine vitam  
degere more ferae, talis nec tangere curas*]

Poderia eu não ter vivido uma vida inocente, como as feras,  
sem provar tão cruéis angústias?

Na interpretação do autor da *Institutio Oratoria*, a queixa da rainha cartaginesa sobre a vida livre de matrimônio é transformada em veículo para enfatizar o quanto essa situação não convinha aos humanos e sim aos animais. As repetidas comparações com



Homero denotam que o mantuano ocupava um papel importante no cânone educacional da época de Quintiliano. Na apreciação dos autores épicos, declara que, assim como Homero foi para os gregos, Virgílio representaria um começo auspicioso para os romanos.

Esta posição de referencial curricular parece não ter mudado muito até o século IV d.C., quando vemos Agostinho se queixar,<sup>8</sup> logo no início das *Confissões*, de ter sido forçado a declamar, na juventude (e provavelmente de memória), os versos da ira de Juno do Livro I da *Eneida* (Agostinho, *Confessionum*, I, 17; Verg., *A.*, I, 37-49). Virgílio, por sua vez, aparece com relativa constância nos escritos agostinianos, principalmente nas alusões à formação cultural dos romanos e ao cotidiano escolar. No tratado *Sobre a Música* (II, 2, 2), por exemplo, simula um diálogo entre o mestre e o aluno, na análise métrica de passagens da *Eneida*, em especial, do verso da proposição: “Eu canto as armas e o varão primeiro que de Tróia [prófugo] às praias [...]” – *arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris*. Em outra obra, Agostinho nos informa que um garoto poderia ser culpado de barbarismo e severamente chicoteado caso se apoiasse em algum verso de Virgílio para justificar qualquer liberdade gramatical do latim (Agostinho, *De moribus manichaeorum*, XXII, 25). Tal observação demonstra o quanto os alunos deveriam estar familiarizados, mesmo que pela repetição, com os versos do mantuano a ponto de quererem usar seus expedientes poéticos como um precedente.

Nada parece mais representativo do uso escolar de Virgílio e, principalmente, da *Eneida* que os exercícios de escrita e memorização encontrados em diversas províncias do Império. Descoberto pelo arqueólogo e egiptólogo britânico Flinders Petrie, no final do século XIX, um papiro, em Hawara, traz o mesmo verso de Virgílio repetido sete vezes. Divulgado pela primeira vez por A. H. Sayce, atualmente, o *P. Hawara 24* integra a coleção do *University College* de Londres e pode ser visualizado, integralmente, no site da Universidade da Califórnia (UCLA).<sup>9</sup> O sítio de Hawara localiza-se ao sul da depressão do Oásis do Fayum e da cidade chamada de Shedet, no Egito faraônico, um importante centro de culto ao deus crocodilo Sobek. Petrie escavou ao norte da pirâmide de Amenófis III, no ano de 1888, encontrando papiros do primeiro e segundo séculos, e uma vasta necrópole com 146 esquifes do período romano, contendo retratos pintados, as famosas “Múmias do Fayum”. Diferentemente de Oxirrinco, estes papiros são provenientes de contexto funerário. O famoso papiro da *Iliada* (*P. Hawara 59*), conhecido como “Homero de Hawara”, jazia enrolado sob a cabeça da múmia de uma jovem senhora, declara Sayce,

<sup>8</sup> Agostinho nasceu em Tagaste, na Numídia. Estudou em Milão, onde se converteu ao cristianismo no ano de 386. No ano de 396, tornou-se bispo de *Hippo Regius*, na Numídia, onde terminou seus dias. Um dos Doutores da Igreja, é considerado uma importante referência teológica e filosófica para a Cristandade.

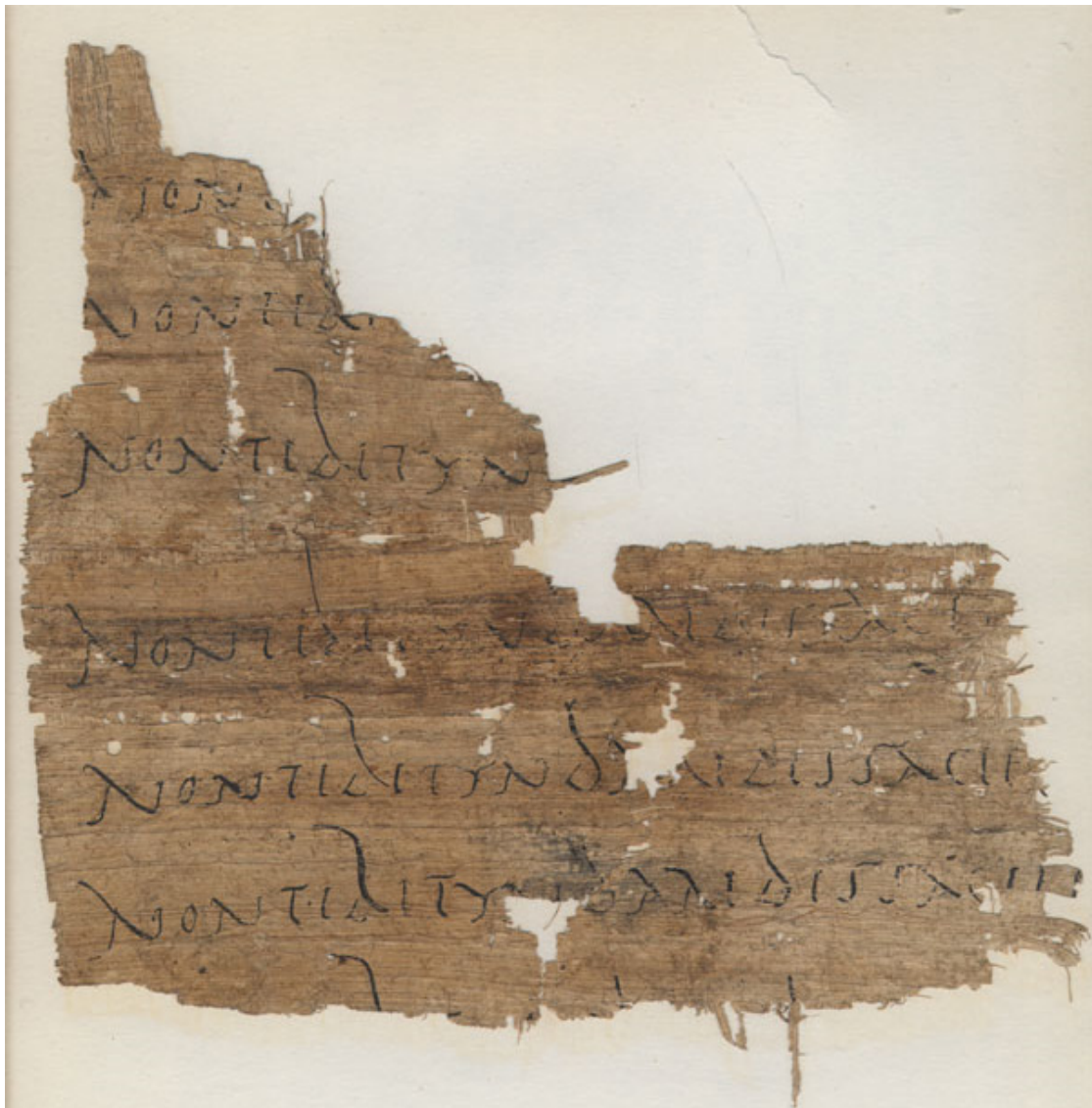
<sup>9</sup> *The Hawara Papyri*. Disponível em: <<http://www.ucl.ac.uk/GrandLatMisc/hawara/index.html>>.

no capítulo "The Papyri", publicado no boletim de escavação *Hawara, Bihamu e Arsione* (SAYCE, 1889, p. 24). A coleção é composta de papiros redigidos em três línguas diferentes (copta, grego e latim), de períodos e tipologias variadas: entre escritos de Xenofonte, Platão e Homero, foram descobertos documentos de natureza jurídica, como declarações de compra e venda de propriedades e o rascunho de um testamento. Sobre o papiro escolar da *Eneida* (Figura 1), apenas a quarta, a quinta e a sexta linhas do *recto* estão legíveis, podendo-se nestas distinguir o início de um verso do Livro II, 601, da *Eneida*:

*Non tibi Tyndaridis facies [inuisa Lacaenae]*

*Não te seja odiosa a aparência da Tindárida Lacena.*

**Figura 1** – P Hawara 24. Facsímile do *recto* do papiro



**Fonte:** Disponível em: <[http://www.ucl.ac.uk/GrandLatMisc/hawara/papydata/phaw\\_024.htm](http://www.ucl.ac.uk/GrandLatMisc/hawara/papydata/phaw_024.htm)>. Acesso em: 21 set. 2015.

Tindárida (patronímico) Lacena é claramente uma alusão a Helena, cujo pai adotivo era Tíndaro e *lacaena*, do grego Λάκαινα, sendo o referente latino para a mulher espartana. O hexâmetro acima é uma exortação de Vênus para Enéias, que se enche de furor pela desdita Troia, ao ver o palácio tomado pelos gregos e seu rei cruelmente imolado (Verg., *Aen.*, II, 588-621). *Inuisa Lacaenae* entre colchetes é a parte faltante do hexâmetro. O fragmento mede 19,5 cm por 18 cm e o conteúdo do verso do papiro, pouco legível, é de autoria desconhecida.

Como é possível perceber no *facsimile* acima, o verso de Virgílio foi copiado em uma cuidadosa escrita cursiva. Segundo Juan-Josè Marcos Garcia (2014, p. 16), em seu manual de paleografia latina, é senso comum tomar cursivo como sinônimo de um discorrer contínuo de letras, o que não é precisamente verdadeiro para a escrita cursiva romana. A cursiva latina, diferentemente da *capitalis*, é o tipo de escrita para uso corriqueiro, utilizada em contratos mercantis, livros de contas, correspondência e anotações escolares. Este termo genérico designa uma ampla variedade de usos cursivos da escrita latina, na qual a forma das letras é influenciada pelo tipo de instrumento (um *calamus* ou um *stilus*), assim como pelo suporte (uma tabuleta de cera, um papiro, uma parede em Pompeia).

Por se tratar de um papiro escolar, podemos perceber certo esmero no desenho das letras, como o traçado mais aberto do 'n' de *non* ou o 'f' e a letra 'e' de *facies*, que nas tábuas de cera ou grafitos pompeianos. Com a mesma diligência, procurou diferenciar bem o 'b' de *tibi* da letra 'd' de *Tyndaridis* pelo alongamento do traço perpendicular para a esquerda.<sup>10</sup> Diferentemente do tipo de escrita do papiro de Herculano, é notável o uso de uma *scripta continua* no *P Hawara 24*, isto é, sem a separação das palavras, seja por meio de espaços ou *interpuncta*.

Mais ao sul do Fayum, um papiro semelhante a este foi identificado em um verdadeiro manancial de manuscritos cuja descoberta, no final do século XIX, teve significativo impacto epistemológico na crítica dos textos clássicos. Trata-se do depósito de refugio da cidade de Oxirrinco ou Οξυρρύγχου Πόλις, assim conhecida no período helenístico, sendo a terceira maior cidade do Egito Ptolomaico. Por ser uma região desprovida de fastosos monumentos, pirâmides ou hipogeus que chamassem a atenção dos caçadores de tesouro, o sítio passou despercebido até 1896, quando dois jovens arqueólogos, Bernard Grenfell e Arthur Hunt, começaram a escavar nos arredores da antiga cidade. Junto a montanhas de refugio, encontraram um inigualável depósito de papiros em língua grega, latina e copta, de um arco cronológico que vai do primeiro ao sexto séculos. Resta dizer que apenas um

---

<sup>10</sup> Para maiores detalhes, conferir a explicação histórico-etimológica e o estudo estilístico deste tipo de escrita elaborados por Bernhard Bischoff, assim como as tabelas *Wax-tablet script* e *Old and Later Roman cursive* (BISCHOFF, 1990, p. 56; 61-66).

décimo dos documentos é constituído de textos literários, manuscritos bíblicos e teológicos, em sua maioria, bem fragmentados. O restante é constituído por testamentos, registros de propriedade, contratos de compra e venda, entre outros. Esta porcentagem de um décimo inclui trechos dos poemas homéricos (em mais de cem papiros), fragmentos das odes de Píndaro, poemas de Safo, Alceu, trechos de peças teatrais de Eurípedes e comédias de Menandro. Apenas para citar alguns nomes conhecidos de uma lista bastante extensa. Entre os achados literários mais importantes em língua latina, encontra-se o epítome dos livros XXXVII-XL e XLVIII-LV de Tito Lívio (P. Oxy 0668).

Já em 1889, Grenfell e Hunt deram início a um hercúleo esforço de catalogação, publicação e tradução dos papiros, sucedidos por outros pesquisadores. Até os dias atuais, oitenta volumes do *Oxyrhynchus Papyri* já foram publicados.<sup>11</sup> Os papiros encontram-se distribuídos entre instituições e museus de prestígio pelo mundo, como o Museu Egípcio, do Cairo; o *Metropolitan Museum*, de Nova York; e o *Ashmolean Museum*, da Universidade de Oxford. Virgílio está também representado em Oxirrinco. Até a data de hoje foram identificados e devidamente catalogados quatro documentos com trechos da *Eneida*. Em ordem cronológica:

*P. Oxy 3554* – verso de um papiro, datado do segundo século, contendo dois versos do Livro XI da *Eneida*, versos 371-372.

*P. Oxy 1098* – fragmento de *velum* na forma de *codex*, datado entre os séculos IV e V com trechos do Livro II da *Eneida*, versos 16-23 (*recto*) e 39-46 (verso).

*P. Oxy 31* – fragmento de papiro datado do quinto século, parte de um *codex*, contendo duas passagens do Livro I versos 457-467 (*recto*); 495-507 (verso).

*P. Oxy 3553* – fragmento de pergaminho na forma de *codex*, datado também do quinto século, contendo duas passagens do Livro I 615-621 (*recto*) e 622-628 (verso). Neste último, o texto foi escrito em colunas estreitas com cada palavra sendo glosada em grego e latim.

Dos quatro documentos mencionados acima, apenas o primeiro (*P. Oxy 3554*) pertence à tipologia do papiro *Hawara 24*, os demais são fragmentos de livros no formato *codex*, escritos em *capitalis* (*P. Oxy 1098*) e uncial latina (*P. Oxy 31* e *P. Oxy 3553*). Publicado pela primeira vez em 1983, no Volume L do *Oxyrhynchus Papyri*, o papiro de número 3554 (Figura 2) pertence à coleção da *Sackler Library*, de Oxford. Os hexâmetros da *Eneida* foram copiados no verso de uma lista contendo nomes próprios gregos.

*scilicet ut Turno contingat regia coniunx,  
nos animae [uiles, inhumata infleaque turba  
sternamur campis]* (Verg., *A.*, XI, 371-373).

<sup>11</sup> Oxyrhynchus Online. Disponível em <<http://163.1.169.40/cgi-bin/library?site=localhost&a=p&p=about&c=POxy&t=0&l=en&w=utf-8>>.



Que! Para Turno obter régia consorte  
 nós, almas vis, turba insepulta, turma  
 não pranteada os campos juncaremos?  
 (Verg., A., XI, 371-373).

**Figura 2** – P. Oxy 3554 – Facsímile do verso do papiro



**Fonte:** Disponível em: <<http://www.csad.ox.ac.uk/poxy/papyri/vol50/pages/3554.htm>>. Acesso em: 21 set. 2015.

O trecho é parte do discurso provocativo de Drances, que busca desqualificar o rival, Turno, perante o conselho de nobres, por querer levar adiante a guerra contra os troianos no Livro XI da *Eneida*. Tal como aparece no *facsimile*, os dois versos foram copiados em escrita contínua, sem qualquer sinal de separação entre os hexâmetros. Como não adotou o critério métrico de separação dos versos, é provável que o escriba tenha reproduzido a sentença até o final, que termina com o acusativo *campis* no verso 373. Das seis linhas do papiro, apenas as quatro primeiras são parcialmente legíveis. Por se tratar de um exercício de escrita, percebe-se um cuidado, semelhante ao do P. Hawara 24, na diferenciação das letras e a caligrafia apresenta já uma tendência para o uncial latino.

No que parece ser também um exercício de escrita, porém de um contexto militar, o nome de Eneias é repetido duas vezes no verso das *acta diurna* de uma guarnição romana estacionada em Alexandria. Pertencente à *Biblioteca Medicea Laurenziana*, de Florença, o papiro é de procedência incerta, adquirido no mercado de antiguidades da cidade do Cairo por M. Norsa. A frente do papiro PSI 1307 conserva um registro detalhado (em cursiva latina) dos postos e turnos de guarda deste destacamento militar.<sup>12</sup> Em letras grandes e vistosas (*capitalis rustica*), AENEAS DARDANIAE aparece duas vezes na parte inferior do verso do papiro. As letras possuem 2,3 cm de altura e 1 cm de largura. Serena Ammirati (2009, p. 20), na tese de Doutorado *Bibliologia e Codicologia del Libro Latino Antico*, declara não estranhar um exercício de escrita em *capitalis* e cita o Papiro Michigan 459, que contém este mesmo tipo padrão de escrita em ambos os lados. As palavras são muito provavelmente de inspiração virgiliana, muito embora não formem parte de nenhum verso conhecido do mantuano. No papiro de Alexandria, *Dardaniae* aparece com morfema de genitivo, que se traduz por “Eneias da Dardânia” ou “Eneias da Região dos Dardânios”. Por sua vez, Dardânio aparece como epíteto de Eneias em quatro passagens da *Eneida* (Verg., *A.*, I, 494; VI, 169; XI, 472; XII, 613) e como epíteto de Anquises em mais outras duas (Verg., *A.*, I, 607; IX, 647). Tanto o epíteto Dardânio quanto o topônimo Dardânia remetem a Dardano, semideus e ancestral longínquo de Eneias. Essa associação não parece alheia ao suposto escriba/soldado que reaproveitou o verso de um boletim informativo, já em desuso, para praticar sua caligrafia.

O *Papiro de Alexandria* não é a única evidência da familiaridade dos legionários romanos com os poemas virgilianos ou, melhor dizendo, da localização de seus versos em um contexto militar. Um dos mais antigos registros literários da *Eneida* provém de Masada, cidadela sobre o Mar Morto, cercada e capturada pelos romanos entre 73-74 d.C. Dessa mesma fortaleza provêm numerosos testemunhos em línguas diversas (grego, latim e aramaico). Os papiros latinos estão vinculados à permanência dos soldados romanos por ocasião da Guerra Romano-Judaica. Um destes fragmentos de papiro contém uma citação do Livro IV, 9 (verso).

[An]na [s]or[o]r quae me susp[ensam] insomnia terrent

Anna, irmã, que sonhos me agitam e me atemorizam

Essas palavras são pronunciadas por Dido a Ana e representam um prenúncio do desastre iminente, ou seja, a partida do troiano e o suicídio da rainha. Nos versos seguintes,

---

<sup>12</sup> PSI é a sigla para *Papiri della Società Italiana*.



Ana confessa à irmã estar se consumindo em desespero e fortemente encantada pelo novo hóspede, Eneias. Juntamente com os grafitos de Pompeia, que trazem citações de versos da *Eneida*,<sup>13</sup> o papiro de Masada atesta a rápida difusão do épico virgiliano no século I d.C. Por mais romântica que pareça a ideia de um legionário romano transportando para a Judeia um *volumen* com o IV Livro da *Eneida*, podemos interpretar essa citação como um reflexo da memorização escolar ou da veiculação oral de versos e passagens isoladas do poema. Mesmo para nós, contemporâneos, pouco compromissados com a tarefa da memorização, não é difícil citar de cabeça o verso de abertura de *Os lusíadas* ou qualquer dos epítetos e adjetivos machadianos: a quem mais poderíamos nos referir com a fórmula “cigana de olhos oblíquos e dissimulada”? Inclusive, parte dos estudiosos classifica o *P. Masada 721* como pertencente à tipologia das *exercitationes scribendi*, pelo simples fato de os versos estarem reproduzidos no lado transfibral e em uma folha isolada, não proveniente de um *volumen* (AMMIRATTI, 2009, p. 18).<sup>14</sup> Por sua vez, sobre o *recto* do papiro, existe uma sequência de palavras fragmentárias incompatíveis com qualquer autor conhecido do *corpus* latino. Segundo Ammiratti (2009, p. 18), a análise paleográfica sugere que o escrevente fosse alguém com certo nível de educação gráfica, possivelmente operando em uma unidade militar. O *P. Masada 721* encontra-se publicado em *Masada II: The Yigael Yadin Excavations 1963-1965*, editado por H. M. Cotton e J. Geiger (1989, p. 31-35).

Os versos da *Eneida* eram conhecidos também nas casernas militares da porção ocidental do Império. Na década de 1970, mais de 600 tabuletas com escritos diversos foram encontradas em Vindolanda, um forte romano situado a cerca de dois quilômetros ao sul da Muralha de Adriano. R.E. Birley, arqueólogo responsável pela escavação do complexo militar, sugere cinco períodos de ocupação que vão de 85 d.C. a 130 d.C., pelos quais o forte conheceu processos de ampliação de suas estruturas e fases de estagnação. Estas tabuletas escritas foram localizadas nos diferentes estratos de ocupação, geralmente

<sup>13</sup> Juntamente com os papiros escolares, encontramos nas paredes de Pompeia alguns dos mais antigos testemunhos dos poemas de Virgílio. Até o estágio atual da pesquisa, foram documentados um total de treze grafitos que reproduzem ou recriam o verso da proposição da *Eneida*. Um dos mais célebres exemplares destas recriações – algumas fiéis à métrica do hexâmetro dáctilo – encontra-se na parede exterior da casa de Fábio Ululitremulo, perto de uma pintura que retrata a fuga de Eneias com Anquises e Ascânio (supostamente, uma reprodução do grupo escultórico de Eneias que estava alojado no Edifício de Eumachia, no centro de Pompeia, e do qual restou apenas a inscrição). Ululitremulo, proprietário de uma fulônica (espécie de tinturaria romana), utilizou o verso de Virgílio para homenagear os *fulones* (indivíduos que trabalhavam lavando e tingindo tecidos ou peças de couro): *FULLONES ULULAMQUE CANO, NON ARMA VIRUMQUE* – “Canto os *fulones* e a coruja, não as armas e o homem” (CIL, IV. 9131). A coruja é supostamente uma referência à deusa Minerva, protetora dos *fulones*, e ao próprio cognome *Ululitremulus*, que é formado da junção de *ulula*, “coruja” + *tremulus*, “trêmulo” (MILNOR, 2009, p. 298-300). Sobre a reprodução e reapropriação dos versos de poetas nos grafitos de Pompeia, conferir o recente trabalho de Kristina Milnor, intitulado *Graffiti and the Literary Landscape in Roman Pompeii* (2014).

<sup>14</sup> Ziolkowski e Putnam (2008, p. 44), no livro *Virgilian Tradition. The First Fifteen Hundred Years*, julgam esta hipótese improvável, mas não justificam sua discordância com qualquer argumento.

em áreas de refugio do forte. De acordo com Allan Bowman e David Thomas, na introdução do *The Vindolanda Writing Tablets (Tabulae Vindolandenses II)*, “estes depósitos, alguns dos quais mostram sinais de incineração, parecem ser o resultado do despejo sucessivo de lixo e contêm uma grande variedade de outros restos orgânicos e artefatos” (BOWMAN; THOMAS, 1994). O *corpus* das tabuletas de Vindolanda contém uma mistura de cartas, documentos pessoais e administrativos, que foram descartados na medida em que a área do setor sul do forte sofreu ampliações. Os editores enfatizam que os locais onde as tabuletas foram encontradas não coincidem exatamente com os edifícios da administração ou qualquer coisa que pareça um arquivo de registros (*tabularium*), mas, por sorte, alguns exemplares da correspondência do *praetorium* sobreviveram. Preservadas no *British Museum*, o texto das 752 tabuletas, até recentemente encontradas neste complexo militar, foi traduzido e publicado nas quatro edições do *Tabulae Vindolandenses*, sendo a última datada de 2010. As duas primeiras edições deste *corpus* estão publicadas em uma plataforma de busca *online*.<sup>15</sup>

Amplamente variada, esta documentação revela muito sobre a rotina do forte, como a compra de víveres e acordos firmados com negociantes para o fornecimento de peles. Um dos documentos mais comentados da coleção, datado por Birley por volta do ano 100 d.C., é um convite recebido pela esposa do prefeito da nona coorte, Sulpícia Lepidina, para uma festa oferecida por Cláudia Severa, mulher do comandante de outro forte da região (*T. Vind 291*; BIRLEY, 2005, p. 85). Outra tabuleta, igualmente (*T. Vind 118*) intrigante, contém o seguinte verso do Livro IX, 473, da Eneida, arranjado em duas linhas:

1 INTEREA PAVIDAM VOLITANS PINNA  
2 TA P(?).UBEM seg.

Neste meio tempo a [fama] alada esvoaçando  
pela aterrorizada cidade.

**Figura 3** – TVind 118. *Facsimile* da tabuleta



**Fonte:** Disponível em: <<http://vindolanda.csad.ox.ac.uk/index.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2015.

<sup>15</sup> O site é parte do Programa *Script, Image and The Culture of Writing in the Ancient World*, subsidiado pela Andrew W. Mellon Foundation. Disponível em: <<http://vindolanda.csad.ox.ac.uk/index.shtml>>.

Do ponto de vista paleográfico, a escrita é classificada como bilinear, com alternância entre capitais maiúsculas e letras cursivas (BOWMAN; THOMAS, 1994). As letras *I, N, R, A, V, D, M, O e L* seguem o estilo da *capitalis rustica*, pela distinção entre traços sólidos e delgados, e com algumas finalizações em serifas. Já o 'p' segue a forma da minúscula cursiva, sem a volta convencional do topo e a letra 'e' está representada pelos dois traços verticais paralelos \, tal como nos grafites pompeianos e nas tabuletas de cera. Seria esperado que o escriba completasse o hexâmetro com o sintagma preposicionado *per* seguido do acusativo *urbem* e aquilo que se consegue ler, mais claramente, são apenas as letras 'b', 'e' 'm' traçadas em cursiva latina. Bowman e Thomas (1994) sugerem duas interpretações possíveis para os caracteres ilegíveis: 1) as letras antes de *bem* podem ser um 'p' seguido de 'e', ambos em cursiva latina, tomando-se *pebem* como um deslize ortográfico para *pe[rur]bem*; 2) as letras antes de *bem* podem ser um 'p' (como abreviação de *per*) seguido de 'u' traçados em minúscula cursiva, e desta forma o escriba teria omitido o 'r' ao escrever *urbem*.

O trecho em evidência descreve como, rapidamente, a fama anunciou a morte dos audaciosos combatentes troianos, Niso e Eurílo, cujas cabeças foram ostentadas em lanças pelos rútuos (Verg., *Aen.*, IX, 420-470). A tabuleta em questão foi encontrada em duas partes fragmentadas, que, reunidas, formam uma unidade de 10 cm de comprimento e 1,5 cm de altura. O lado reverso (*T. Vind 331*) contém o rascunho de uma mensagem que, uma vez não terminada, foi reaproveitada para exercício de escrita. Aparentemente, não existe qualquer intenção do escrevente de emendar o próximo verso da *Eneida* na linha seguinte, deixando um grande espaço em branco depois de *ubem*. Em uma caligrafia diferente e dimensão maior, as letras *SEG* parecem ter sido adicionadas ao final do verso. Com base em outros exercícios de escrita, esta sequência de letras foi interpretada como uma abreviação de *segnis*, "preguiçoso", "vagaroso", ou *segniter*, "vagarosamente". Uma repreensão do corretor, suposto *literator*?

Em vista do caráter propriamente sintético de uma publicação em periódico, buscamos tangenciar algumas questões pertinentes à circulação das obras literárias na Antiguidade romana. Estes exemplares de *exercitationes scribendi*, de procedências variadas, sugerem a rápida disseminação dos versos da *Eneida* e correspondem ao uso escolar/mnemônico de Virgílio, anunciado amiúde pelos autores da Antiguidade. No caso desse autor específico, a evidência codicológica converge na maioria esmagadora das linhas e a documentação papirológica é restrita (31 papiros contabilizados até a recente data) em comparação, por exemplo, a Homero, com mais de dois mil papiros, considerando a *Iliada* e *Odisseia*. Os poemas virgilianos circulavam em uma ampla gama de edições, em *volumina*, que vão desde aquelas manufaturadas em papiros de qualidade superior e grafia rebuscada, com estampas de luxo e comercializados nos mercados de livro, até

cópias improvisadas para propósitos escolares. Para além dos exageros de Propércio, que antes de vir a público anuncia a *Eneida* como um épico destinado a sobrepujar Homero, os papiros de procedência arqueológica trazem alguma luz acerca das apropriações, usos e da difusão do épico virgiliano nos quadros mais variados do Império Romano, em um espectro que vai dos fortes da Bretanha até a Judeia.

## Referências

### Documentação textual

- AGOSTINHO. *Obras completas*. Edición bilingüe de V. Capánaga. Madrid: BAC, 1986.
- GELLIUS. *Attic nights*. Translated by John C. Rolfe. Harvard: Harvard University Press, 1927.
- HORACE. *Odes*. Translated by Niall Rudd. Harvard: Harvard University Press, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Satires*. Translated by H. Rushton Fairclough. Harvard: Harvard University Press, 1926.
- JUVENAL. *Satires*. Translated by G. Ramsay. London: William Heinemann, 1928.
- MARTIAL. *Epigrams*. Translated by D. R. Shackleton Bailey. Harvard: Harvard University Press, 1993.
- PLINY. *Natural History*. Translated by W. H. S. Jones. London: William Heinemann, 1961.
- QUINTILIAN. *The orator's education*. Translated by Donald A. Russel. Harvard: Harvard University Press, 2001.
- SENECA. *Epistles*. Translated by Richard M. Gummere. Harvard: Harvard University Press, 1925.
- SERVIUS HONORATUS. *Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. Edited by Georgius Thilo and Hermannus Hagen. Leipzig: Teubner, 1881.
- SUETONIUS. *Lives of famous men*. Translated by John Carew Rolfe. London: William Heinemann, 1914.
- \_\_\_\_\_. *The lives of the twelve Caesars*. Translated by John Carew Rolfe. London: William Heinemann, 1914.
- THE HISTORIA AUGUSTA. Translated by David Magie. London: Loeb Classical Library, 1921.
- VELLEIUS PATERCULUS. *Roman History*. Translated by Frederick W. Shipley. Harvard: Harvard University Press, 1966.
- VERGILIVS. *Opera*. A cura di Remigius Sabbadini. Roma: Typis Regiae Officinae Polygraphicae, 1930.
- VIRGIL. *Aeneid*. Translated by Rushton Fairclough. London: William Heineman, 1916.
- VIRGILIO. *Bucólicas*. Traducción de Pablo Ingberg. Buenos Aires: Losada, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Brasília: Editora da UnB, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Traducción de Eugenio de Ochoa. Buenos Aires: Losada, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução de José Victorino Barreto Feio e José Maria da Costa e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004. I. IX-XII.
- \_\_\_\_\_. *Eneida*. Tradução de Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Eneide*. Traduzione di Vittorio Sermoni. Milano: Bur Rizzoli, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Geórgicas*. Traducción de Alejandro Bekes. Buenos Aires: Losada, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Eneida Portuguesa*. Tradução de João Franco Barreto. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.

### Documentação epigráfica

CORPUS INSCRIPTIONUM LATINARUM: vol. IV. Berlin: Academy of Sciences and Humanities, 1881.

### Documentação papirológica

- PHAWARA. In: FLINDERS, W. M. P. (Ed.). *Hawara, Biahmu and Arsinoe*. London, 1889.
- PMASSADA II. In: COTTON, H. M.; GEIGER, J. (Ed.). *Masada II: the Yigael Yadin Excavations 1963–65 (final reports, the Latin and Greek documents)*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1989.
- POXY I. In: GRENFELL, B. P.; HUNT, A. (Ed.). *The Oxyrhynchus Papyri*. London: Egypt Exploration Fund, 1898. v. I.
- POXY L. In: BOWMAN, A. K. et al. (Ed.). *The Oxyrhynchus Papyri: n. 3522-3600*. London: Egypt Exploration Society, 1983. v. L.
- POXY VIII. In: HUNT, A. S. (Ed.). *The Oxyrhynchus Papyri: n. 1073-1165*. London: Egypt Exploration Society, 1911. v. VIII.
- PSI. In: VITELLI, G.; NORSA, M. (Ed.). *Papiri della società italiana: I*. Firenze: Società Italiana, 1912.
- TVIND. In: BOWMAN, A.; THOMAS, D. (Ed.). *The Vindolanda writing-tablets: 'Tabulae Vindolandenses'*. London: British Museum Press, 1994. v. II.

### Obras de apoio

- AMMIRATI, S. *Bibliologia e Codicologia del libro latino*. Roma: Università degli Studi Roma Tre, 2009.
- BENARIO, H. The Carmen de Bello Actiaco and early imperial epic. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, v. 2, n. 30, p. 1656-1662, 1983.

- BERRY, J. *The complete Pompeii*. London: Thames and Hudson, 2007.
- BIRLEY, R. *Vindolanda: extraordinary records of daily life on the northern frontier*. London: Roman Army Museum Publications, 2005.
- BISCHOFF, B. *Latin Paleography: Antiquity and Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BOWMAN, A.; THOMAS, D. (Ed.). *The Vindolanda writing-tablets: 'Tabulae Vindolandenses'*. London: British Museum Press, 1994. v. II.
- COTTON, H. M.; GEIGER, J. (Ed.). *Masada II: the Yigael Yadin Excavations 1963–65 (final reports, the Latin and Greek documents)*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1989.
- GARCIA, J. J. M. *Fuentes para Paleografía Latina*. Madrid: Plasencia, 2014.
- GEIGER, J. *The first hall of fame: a study of the statues in the Forum of Augustus*. Boston: Brill, 2008.
- HOUSTON, G. *Inside Roman libraries: book collections and their management in Antiquity*. North Carolina: North Carolina University Press, 2014.
- JOHNSON, W. A. *Ancient literacies: The culture of reading in Greece and Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A. Readers and reading culture in the High Roman Empire: a study of elite communities*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. The Ancient Book. In: BAGNALL, R. S. (Ed.). *Oxford Handbook of Papyrology*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 256-281.
- KASTER, R. A. Controlling reason: declamation in rhetorical education in Rome. In: TOO, Y. L. (Ed.). *Education in Greek and Roman Antiquity*. Leiden: Brill, 2001, p. 317-338.
- KENYON, F. *Books and reading in Ancient Greece and Rome*. Oxford: Clarendon Press, 1951.
- KLEBERG, T. Comercio librario y actividad editorial en el Mundo Antiguo. In: CAVALLO, G. (Ed.). *Libros, editores y público en el Mundo Antiguo*. Madrid: Alianza, 1995, p. 51-108.
- MILNOR, K. *Graffiti and the literary landscape in Roman Pompeii*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- \_\_\_\_\_. Literary literacy in Roman Pompeii: the case of Virgil's Aeneid. In: JOHNSON, W. A.; PARKER, H. N. (Ed.). *Ancient Literacies: the culture of reading in Greece and Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 288-319.
- SAYCE, H. P. The Papyri. In: PETRIE, F. W. M. (Ed.). *London: field and tuer*. London: The Leader Hall Press, 1889, p. 24-37.
- SCHOLLMAYER, P. *La scultura romana*. Roma: Apeiron, 2007.
- ZIOLKOWSKI, J. M.; PUTNAM, M. C. *The Virgilian tradition: the first fifteen hundred years*. Yale: Yale University Press, 2008.